

## 6. CONCLUSÃO

A análise das doze entrevistas por nós realizadas com homens heterossexuais de classe média, com idades variando entre 24 e 30 anos e 40 e 47 anos, possibilitou observarmos que os estereótipos de gênero parecem influenciar a vida amorosa dos homens entrevistados de formas variadas. Quatro homens da faixa etária acima de 40 anos apresentaram relatos bastante contundentes a respeito da influência negativa dos estereótipos de gênero em suas vidas e boa parte dos integrantes deste grupo demonstrou ter alguma consciência a respeito desta influência; a maioria dos mais jovens, nem tanto.

De maneira geral, podemos dizer que nossos entrevistados não são totalmente refratários a falar sobre suas vidas íntimas como é costume generalizar-se a respeito dos homens, caso contrário, sequer teriam aceito o convite para participar da pesquisa. Evidentemente, nem todos falaram o tempo todo de forma livre e tranqüila. Inicialmente, alguns apresentaram uma certa resistência que foi sendo gradativamente vencida, na maioria dos casos. O clima de constrangimento inicial foi sendo quebrado à medida que a entrevista avançava e os sujeitos foram, com o tempo, sentindo-se mais à vontade para falar de forma mais aberta e descontraída.

Apenas dois homens mantiveram-se reservados até o final da entrevista e, apesar de ambos terem sido colaborativos, um deles pareceu ser bastante tímido, o que dificultou um pouco o acesso às informações que buscávamos. Por outro lado, outros tantos, mais precisamente cinco homens do grupo acima de 40 anos, mostraram-se fluentes e, às vezes, até intensos e passionais, dando a impressão de estarem aproveitando a ocasião para “desabafar” algumas mágoas talvez não resolvidas. A “verborragia” auto-intitulada de um dos entrevistados pareceu poder caracterizar o discurso de outros sujeitos igualmente empenhados em explicar detalhadamente os motivos pelos quais agem ou pensam de determinada maneira.

Sete entrevistados afirmaram falar abertamente sobre seus sentimentos com suas parceiras, sendo que apenas cinco (um jovem e quatro acima de 40 anos) pareceram realmente convincentes a este respeito. Não obstante as diferenças individuais, a maioria dos entrevistados demonstrou dificuldades em falar explicitamente sobre o que sente para a parceira. Contudo, é importante salientar

que esta não foi uma maioria expressivamente superior ao conjunto de homens que deu evidências de não corresponder ao estereótipo de que “homem não fala sobre sentimentos e emoções”. Sendo assim, poderíamos rephrasing esta observação dizendo que quase metade dos homens entrevistados fala abertamente sobre seus sentimentos.

Constatamos que os mais jovens parecem ter mais dificuldade em identificar e expressar seus sentimentos; três deles parecem se beneficiar da capacidade interpretativa de suas namoradas, uma vez que não expressam clara e textualmente o que sentem por elas; dois são muito românticos, sendo que, destes, apenas um consegue realmente falar sobre o sentimento. Ressaltamos que a incerteza e a pouca clareza observadas nas falas dos entrevistados mais jovens com relação à definição de seus sentimentos, não foi verificada no mesmo grau nos depoimentos dos mais velhos que, por outro lado, já tiveram mais tempo e experiência para se questionar a este respeito, apresentando-se, assim, um pouco mais seguros neste aspecto.

Um único homem do grupo acima de 40 anos parece ter sua vida como um todo, e não apenas a vida amorosa, pautada por todo tipo de estereótipo de masculinidade de que falamos nos capítulos 2, 3 e 4. Quanto à demonstração de seus sentimentos à esposa, afirmou “fazer o básico”, categoria na qual podemos incluir os discursos de três homens do grupo mais jovem. De fato, a atitude estereotipada deste sujeito pode ser interpretada como “imaturidade emocional”, característica apontada por alguns autores referenciados no capítulo 4 para indicar a falta de fluência na esfera afetiva. Portanto, esta imaturidade o aproxima dos mais jovens, ao mesmo tempo em que afasta-o dos homens de sua faixa etária.

Ao que parece, com a maturidade os homens passam a ter um trânsito afetivo mais livre dos estereótipos de “durão”, “insensível”, “fechado”, etc. Talvez a maioria dos homens com menos de 30 anos ainda esteja preocupada em se apresentar segundo determinadas representações de masculino das quais os mais velhos demonstraram já ter se libertado, ao menos em parte. Até certo ponto, os sujeitos com mais de 40 anos já não têm a necessidade de provar-se “machos” na mesma medida que os mais jovens, para os quais a pressão exercida pelo grupo de amigos parece ter um peso muito grande.

A maturidade, neste aspecto, pode estar associada ao próprio tempo de convivência íntima e intensa com uma ou mais mulheres, sendo que esta(s) experiência(s) pode(m) refletir-se no auto-conhecimento diante de situações de intimidade, como também no conhecimento que desenvolveram a respeito das mulheres e de como com elas relacionar-se.

As experiências vividas podem ter contribuído para que os homens mais maduros tenham o desejo e, porque não dizer, a coragem de abandonar as referências simplistas e empobrecedoras que integram parte do imaginário social no que diz respeito às representações de gênero. Com exceção do sujeito muito marcadamente estereotipado de que falamos acima, no grupo dos homens com mais de 40 anos, parece que as imagens tradicionais estão sendo gradativamente substituídas por novas referências que propiciem relações amorosas mais satisfatórias e compatíveis com seus desejos mais íntimos. Neste sentido, lembramos os achados de Magalhães (1993) a respeito de como os homens por ela pesquisados se comportam com relação ao que denominou “aspecto defensivo do segredo” em relações conjugais. A autora apontou que a postura defensiva é comum nos mais jovens e vai se tornando cada vez mais rara à medida que amadurecem.

A internalização de novas referências, bem como a incorporação de novos comportamentos ao repertório habitualmente estereotipado não se dá sem que surjam alguns conflitos. Estes puderam ser percebidos em falas que denotavam haver cobranças internas e/ou externas no sentido de um “aprimoramento da qualidade expressiva” de alguns entrevistados e/ou da frequência com que demonstram mais explicitamente seus sentimentos pelas companheiras. Por esta razão, é possível que uma parte, mesmo dos entrevistados com mais de 40 anos, não tenha, ainda, encontrado novas representações de masculino das quais queiram lançar mão. Alguns talvez não se questionem sobre o que consideram *ser homem*, mas, certamente, já puderam relativizar posturas rígidas quanto ao lugar que querem ocupar como homem ao lado de uma mulher.

O *desmapeamento* que denota a coexistência de valores e crenças contraditórias em um mesmo indivíduo (Figueira, 1987), também pôde ser observado na eventualidade de alguns entrevistados estarem, consciente ou inconscientemente, apenas “querendo parecer modernos”. Isto ficou, de certa

forma, evidente nos discursos dos dois sujeitos que afirmaram falar abertamente sobre seus sentimentos com suas companheiras, mas que, no entanto, não foram muito convincentes a este respeito. Não obstante, ao terem este tipo de preocupação, já demonstram que, pelo menos, algum efeito já está se fazendo presente no que diz respeito à possibilidade de quebra de estereótipos por parte destes homens. Ou seja, entendemos que, mesmo nos casos em que certas atitudes não foram efetivamente revistas, a preocupação com relação a elas pode ser interpretada como uma possibilidade de mudança. Assim, estes homens já estariam tendo que se haver com o *conflito entre permanecer ou mudar* e já foram, de alguma forma, tocados por questões que podem efetivamente levá-los a novas formas de *ser e estar no mundo*. Seja como for, nossos entrevistados podem estar mais próximos de novas possibilidades identitárias nas quais tenham um espaço real para a livre expressão de suas subjetividades.

Por fim, com relação ao clichê de que os homens não falam sobre sentimentos e emoções, nossos entrevistados se apresentaram da seguinte forma: sete parecem corresponder ao estereótipo e cinco, não. Um destes clamou o engano do compositor Lulu Santos no que diz respeito à canção *O Último Romântico*, então poderíamos perguntar: Seriam estes cinco homens os últimos românticos? Ou será que se dermos tempo bastante aos mais jovens poderemos contar com mais alguns?